

Please slide right for ENGLISH VERSION

05.11.22 —

05.03.23



URIEL ORLOW

Histórias enraizadas
Rooted Stories

APOIO SUPORT

fundação suíça para a cultura
prohelvetia

CASADACERCA

Centro de Arte
Contemporânea

Contemporary
Art Centre

CMA —
CÂMARA
MUNICIPAL
DE ALMADA

A crise das alterações climáticas tornou-se parte constante do nosso quotidiano. Seja pelo ativismo ou pela comunicação social, seja pelas investigações científicas mais acessíveis ou pelos discursos estéticos e artísticos, este é um dos temas do momento. Talvez pela primeira vez na nossa história, começamos a ter consciência coletiva quer da realidade que há muito nos vem sido profetizada, quer das suas consequências imediatas e a longo prazo. Resulta desta situação um crescente entendimento de que o mundo não se centra apenas no humano, e que para lidar com a exigência desta crise é necessário um esforço coletivo interespecies. Assistimos a uma mudança radical do paradigma vigente, no qual o abandono da centralidade do conceito de humano é substituída pela ideia da codependência entre espécies. Bruno Latour sugeriu que serão necessários os esforços coletivos de todos os seres terrestres se quisermos sobreviver ao agravamento das crises climáticas e ecológicas. Por isso precisamos de ir mais além neste entendimento e enraizar este afastamento da centralidade do humano - o assumir da falência do Antropoceno - com um rescrever da história, ou pelo menos com um reinventar do presente.

No seu livro *Plant thinking: a philosophy of vegetal life* Michael Marder afirma que a ideia de que as plantas devem ser um ícone de quietude, enraizamento e passividade é um legado infeliz do desleixo da filosofia ocidental em relação às plantas realmente existentes. As plantas, para este filósofo, não são apenas um cenário da existência humana e as obras de Uriel Orlow falam-nos das

plantas como agentes ativos e não apenas testemunhas passivas da nossa história comum. Elas são companheiras imprescindíveis na luta pela sobrevivência planetária. Um elo central entre a natureza e os humanos, entre vários tipos de conhecimento e crenças, capazes de revelar fragilidades e desigualdades, de transportar consigo histórias com séculos de existência.

As obras de Orlow refletem sobre narrativas a partir de plantas, sobre e com plantas, e de certa forma, usa-as para mostrar que essas mesmas narrativas são sempre subjetivas, incompletas e fragmentadas. Contamos sempre as histórias (ou a História) a partir de um lugar da fala pessoal, situado, político, que normalmente oblitera ou invisibiliza outras perspectivas. Ao conferir um lugar de fala às plantas, árvores, e fungos – um *locus* individual, social, político, ecológico no mundo – e ao enraizar as histórias em narrativas transversais, os seus trabalhos alertam-nos exatamente para as lacunas da história e das narrativas atuais.

A prática de Orlow reflecte também sobre a construção dos discursos coloniais através de uma aproximação decolonial, como em *Forest Essentials Take Two / Close-Up (Bóbe)* ou *Forest Essentials Take Two / Close-Up (Sobreiro)*. Partindo da Xiloteca Tropical (do Palácio Calheta em Lisboa) onde podemos encontrar uma coleção com mais de 10 mil exemplares de espécies botânicas incluindo aquelas provenientes das missões científicas promovidas pelo Estado Novo em África entre as décadas de 40 e 60 do século XX. Como os jardins botânicos, esta biblioteca era um símbolo do poder colonial: classificar, organizar, dominar. A série explora também o conceito de espécie indígena, e como o que consideramos como autóctone de determinada região é na verdade o resultado de um processo, frequentemente muito violento, colonial.

Central na obra de Orlow é também o conceito de plantas como agentes ativos da construção da história

contemporânea. A série de trabalho *Up, Up, Up* é um projeto de investigação iniciado em 2021 sobre como as mudanças climáticas estão a alterar flora existente no cume das montanhas, aqui no caso particular dos Alpes Suíços - Piz Linard e Gorihorn. Desde a primeira expedição botânica em 1835, na qual o alpinista documentou apenas uma espécie existente no topo da montanha, foram desde então encontradas 16 novas espécies de plantas que normalmente se localizariam a altitudes mais baixas e que subiram a montanha para encontrar melhores condições de sobrevivência. Uma conquista violenta deste território no qual, segundo a bióloga Sonja Wipf, "as plantas das altas montanhas serão substituídas por espécies que já são muito comuns mais abaixo e que são simplesmente mais competitivos (...) É incrível que estejamos a ver os efeitos desta aceleração do aquecimento do clima tão rápido nestes cumes", afirma na entrevista que faz parte da instalação "porque estamos a assistir a processos bastante rápidos, em locais onde seria de esperar que não acontecesse muito".

Muito da obra de Orlow fala sobre prestar atenção, olhar com um par de 'óculos verdes' como diz o artista, dedicar tempo, e descobrir as micro narrativas que revelam por um lado as estruturas, e, por outro, as fragilidades e desigualdades do mundo que habitamos. No processo, o artista chama-nos a nós, espectadores, à ação, tornando-nos cúmplices. Cúmplices seja pela ação ou pela inação. De certa maneira, Orlow volta a lançar os dados, baralha as informações que tomamos como certas, questiona a posição de cada um de nós não com o desejo de doutrinar, mas antes com a premissa de qualquer atitude que assumamos é uma posição política e, por isso, uma responsabilidade. Como as plantas, nós espectadores desta exposição somos possíveis agentes de mudança ou de indiferença.

Talvez por isso, a escultura *Bellow* é tão central na proposta da exposição. Uma escultura com a forma simplificada de uma raiz que sai debaixo da terra e se eleva acima do solo. Uma estrutura que é semelhante a várias presentes no nosso corpo e que permitem também a nossa própria existência como as veias ou os brônquios. Um sistema radial que sugere que todos humanos e mais-que-humanos estão vinculados numa complexa rede de ligações. Leio esta obra como uma ode poética à existência sinérgica entre todos os seres, uma identidade e existência partilhada, simbiótica, solidária, sem utopias e com urgência.

Escrevo este texto ao som de *Recomposed* do compositor Max Richter, uma releitura das Quatro Estações de Vivaldi, uma reinvenção da primavera, uma nova sagração, hipnótica, que junta uma história já existente e que a transforma com sons do presente. Na fragilidade desesperante da ecologia do nosso planeta precisamos de encontrar novas vozes conjuntas, precisamos de prestar atenção aos sinais de fumo que as plantas, as árvores, os fungos nos enviam. Olhar para outras tecnologias, outros saberes, outras formulas, já que as nossas estão claramente a falhar. Num centro de arte com um jardim botânico como parte central da sua identidade, esta era a exposição necessária.

The climate change crisis has become a constant part of our daily lives. Whether through activism or the media, whether through the most accessible scientific research or through aesthetic and artistic discourses, this is one of the topics of the moment. Perhaps for the first time in our history, we are beginning to have a collective awareness both of the reality that has long been prophesied, but also of its immediate and long-term consequences. The result of this is a growing understanding that the world is not only human-centred, and that to deal with the demands of this crisis, a collective inter-species effort is needed. We are witnessing a radical shift in the prevailing paradigm, in which the abandonment of the centrality of the concept of the human is replaced by the idea of codependency between species. Bruno Latour has suggested that the collective efforts of all terrestrial beings will be necessary if we are to survive the worsening climate and ecological crises. So we need to go further in this understanding and move away from the centrality of the human - the assumption of the failure of the Anthropocene - with a rewriting of history, or at least through reinventing of the present.

In his book *Plant thinking: a philosophy of plant life* Michael Marder states that the idea that plants should be an icon of stillness, rootedness and passivity is an unfortunate legacy of Western philosophy's neglect of actually existing plants. Plants, for this philosopher, are not just a backdrop to human existence. Uriel Orlow's works speak to us of plants as active agents, not just passive witnesses of our shared history. They are indispensable companions in

the struggle for planetary survival. A central link between nature and humans, between various types of knowledge and beliefs, capable of revealing fragilities and inequalities, of carrying centuries-old stories.

Orlow's works reflect on narratives from plants, about and with plants, and in a way, uses them to show that these same narratives are always subjective, incomplete and fragmented. We always tell stories (or history) from a personal, situated, political place of speech that usually obliterates or makes invisible other perspectives. By providing a place for plants, trees, fungi - an individual, social, political, ecological locus in the world - and by rooting stories in transversal narratives, his works alert us precisely to the gaps in history and in the current narratives.

Orlow's practice also reflects on the construction of colonial discourses through a decolonial approach, as in *Forest Essentials Take Two / Close-Up (Bóbe)* or *Forest Essentials Take Two / Close-Up (Sobreiro)*. Taking as its starting point the wood library at Calheta Palace in Lisbon where we can find a collection of over 10 thousand botanical species including those from the scientific missions promoted by the Estado Novo in Africa between the 1940s and 1960s. Like the botanical gardens, this library was a symbol of colonial power: classify, organise, dominate. The series also explores the concept of indigenous species, and how what we consider to be indigenous to a particular region is actually the result of an often very violent colonial process.

Central to Orlow's work is also the concept of plants as active agents in the construction of contemporary history. The series of works *Up, Up, Up* is a research project started in 2021 on how climate change is altering existing flora on mountain tops, here in the particular case of the Swiss Alps - Piz Linard and Gorihorn. Since the first botanical expedition in 1835, in which the mountaineer documented only one mountaintop species, 16 new species of plants have been found that would normally be located at lower

altitudes and have climbed the mountain to find better conditions for survival. A violent conquest of this territory in which, according to biologist Sonja Wipf, “high mountain plants will be replaced by species that are already very common further down and are simply more competitive (...) It’s incredible that we’re seeing the effects of this acceleration of climate warming so fast on these summits”, she says in the interview that is part of the installation “because we’re seeing quite rapid processes in places where you would expect not much to happen”.

Much of Orlow’s work speaks about paying attention, looking with a pair of ‘green glasses’ as the artist says, taking time, and discovering the micro narratives that reveal on the one hand the structures, and on the other, the fragilities and inequalities of the world we inhabit. In the process, the artist calls us spectators to action, making us accomplices. Accomplices either by action or inaction. In a certain way, Orlow throws the dices again, muddles the information we take for granted, questions the position of each of us not with the desire to indoctrinate, but rather with the premises that any attitude we take is a political position and therefore a responsibility. Like the plants, we viewers of this exhibition are possible agents of change or of indifference.

Perhaps this is why the sculpture *Below* is so central to the exhibition proposal. A sculpture with the simplified form of a root that comes out from under the earth and rises above the ground. A structure that is similar to several present in our body and that also allow our own existence such as our veins or bronchi. A radial system that suggests that all humans and more-than-humans species are linked in a complex network of connections. I read this work as a poetic ode to the synergetic existence between all beings, a shared identity and existence, symbiotic, in solidarity, without utopias and with urgency.

I write this text to the sound of *Recomposed* by the composer Max Richter, a re-reading of Vivaldi's Four Seasons, a reinvention of spring, a new, hypnotic rite that joins an already existing story and transforms it with sounds of the present. In the desperate fragility of our planet's ecology, we need to find new joint voices, we need to pay attention to the signals that plants, trees, fungi send us. To look at other technologies, other knowledge, other formulas, as ours are clearly failing. In an art center with a botanical garden as a central part of its identity, this was the exhibition needed.

Biografia

Uriel Orlow é um artista nascido na Suíça, baseado em Lisboa, com uma formação mista. Exposições individuais recentes incluem Kunsthalle Nairs Switzerland (2021), La Loge, Bruxelas; State of Concept, Atenas (both 2020), Kunsthalle Mainz (2019-2020), Tabakalera, San Sebastian e Villa Romana, Florença (2019), Kunsthalle St Gallen Suíça; Market Photo Workshop, Joanesburgo e Les Laboratoires d'Aubervilliers, Paris (2018), PAV, Turin (2017), The Showroom, Londres (2016), Castello di Rivoli, Turin (2015). O trabalho de Orlow foi também apresentado em importantes exposições internacionais em 2022 como 12^a Berlin Biennale, British Art Show 9, Kathmandu Triennale 2077 e 14^a Dakar Biennale e anteriormente na 54th Venice Biennale, Manifesta 9 & 12 in Genk and Palermo, 12^a Taipei Biennial, Lubumbashi Biennial VI, 13^a Sharjah Biennial, 7^a Moscow Biennial, 8^a Mercosul Biennial and 3^a Guangzhou Triennial entre outras.

Em 2020 Orlow recebeu o Prémio CF Meyer e em 2017 recebeu um Prémio Sharjah Bienal. Recebeu também o prémio de arte da Cidade de Zurique em 2015 e três Swiss Art Awards na Art Basel.

Biography

Uriel Orlow is a Swiss-born, Lisbon based artist with a mixed background. Recent solo exhibitions include Kunsthalle Nairs Switzerland (2021), La Loge, Brussels; State of Concept, Athens (both 2020), Kunsthalle Mainz (2019-2020), Tabakalera, San Sebastian and Villa Romana Florence (2019), Kunsthalle St Gallen Switzerland, Market Photo Workshop Johannesburg and Les Laboratoires d'Aubervilliers Paris (2018), PAV Turin (2017), The Showroom London (2016), Castello di Rivoli (2015). Orlow's work has also been presented at major survey exhibitions this year including 12th Berlin Biennale, British Art Show 9, Kathmandu Triennale 2077 e 14th Dakar Biennale and previously at the 54th Venice Biennale, Manifesta 9 & 12 in Genk and Palermo, 12th Taipei Biennial, Lubumbashi Biennial VI, 13th Sharjah Biennial, 7th Moscow Biennial, 8th Mercosul Biennial and 3rd Guangzhou Triennial amongst others.

In 2020 Orlow received the CF Meyer Prize and in 2017 he received a Sharjah Biennial Prize. He also received the art prize from the City of Zurich in 2015 and three Swiss Art Awards at Art Basel.